

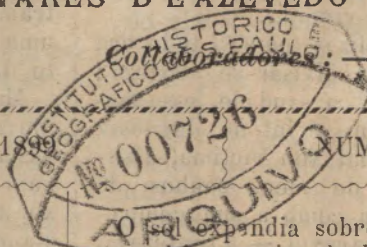
Ref.

85

O PATRIOTA

ORGAM DO GREMIO LITTERARIO ALVARES DE AZEVEDO

Redactor:—Laudelino Barbosa



ANNO II

S. Paulo, 3 de Maio de 1899

NUM. 5

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Anno 5\$000
Semestre 3\$000

Toda a correspondencia referente a esta folha pôde ser dirigida, ao redactor chefe, rua Senador Queiroz 24, caixa 267.

«O Patriota»

E' hoje redactor unico do nosso jornal o sr. Laudelino Barbosa. Amigo da litteratura, apreciador do bom e do bello, o nosso redactor não poupará esforços para que «O Patriota» prosiga feliz a sua jornada, na senda da sua existencia. Hoje a mocidade brasileira já abraça as sciencias, hoje a juventude sorri á nova litteratura, que desponta altiva para esta abençoada terra. Em tempos nem todos eram dados ás sciencias, mas hoje, com a nova geração veio a luz rutilante... Hoje conhecemos e podemos avaliar quanto é sublime o *saber*.

Para outros, a litteratura está no periodo de renascença, para nós, ella está se formando. A litteratura brasileira é qual criança, que dorme no seu berço e que está se despertando... E nós?

Nós somos aquelles que esperam o acordar da criança para cobri-la de osculos.. Nós, que amamos a litteratura, que sabemos ser filhos da Terra de Santa Cruz, havemos de trabalhar, esperando que um dia poise sobre nossas cabeças a corôa da victoria!

Deus, Honra e Trabalho,
eis a nossa divisa.

O ATALHO

A' F. Orlandi.

Era no mez de Junho, estação da geada, quando dois pequenitos sahiram de sua casa ao romper da aurora em busca de lenha para cozerem o seu simples alimento.

Andaram muito, cataram aquellos pãos seccos, fizeram seus garvetos e ôs collocaram a sombra de uma arvore e proseguiram ainda; finalmente perderam-se. Coitadinhos! Extraviados, perdidos, já muito longe do atalho que os conduzia á choupana, grosseiramente aberto em plena matta virgem; choravam os pequenitos lenhadores. Como o frio era demasiado fizeram uma fogueira para enxugar a sua roupa molhada pelo orvalho matutino. A fome já lhes ia approximando, somente lhes restava um duro pão, que sua mamãi lhes havia dado, antes de sahirem.

Ali e acolá lindas parasitas de flores vermelhas, que podiam ser comparadas, com os rosados labios de uma sadia criança ou então com os coraes, difficilmente, tirados da fauna do Oceano.

Ouviram-se os cantos maviosos dos passarinhos, o quebrar dum galho e o farfalhar das folhas seccas que exaustas cahiam por terra. Os dois pequenitos estavam attonitos, tristonhos e silenciosos; olhavam-se demoradamente sem balbuciarem uma palavra siquer.

Fatigados, já, pelo cansaço sentaram-se nos seus feixes e pouco depois adormeceram; já quasi ao declinar do sol accordaram-se. Luizinho sonhou que estivera com sua mamãi, que ella ao vel-o correu ao seu encontro e amplexou-o mas... elle ainda achava-se na escura matta! Luizinho disse ao seu mano:—Rezemos Alberto! rezemos ao Pae do Céu. Ajoelharáram-se com as mãosinhas erguidas ao Céu, dirigiram preces ao Deus Creador.

pendia sobre elles os seus ultimos raios de luz. De repente um grito de satisfação partido dos labios de Luizinho, echoou por toda a matta — O atalho!

Ambos tomando de seus garvetos seguiram para sua casa e as suas cabecinhas louras eram osculadas pelos ultimos raios do sol.

25-4-99.

Gomides V. de Lima

Paixão

«Paixão! Que vem a ser isso?»
Me perguntaram uma vez.
Não sei se por caçoada
E talvez sério... talvez!

E sem poder responder
Fiquei em plena mudez,
Pensando nessa pergunta
Que essa pessoa me fez.

«Paixão! Que vem a ser isso?»
— É um sentimento da alma.
Uma dôr do coração...

É bem dura esta palavra,
É um tanto complicada
Que não tem definição!

LAUDICO.

INFANCIA

Oh! souvenirs! printemps! aurores!
V. HUGO:

A' meu tio

São tuas, meu tio, estas linhas de dôr... possam ellas achar abrigo no teu seio, na sombra das tuas altas qualidades.

Ausente do meu patrio lar, o que posso escrever?

Saudades, sentimentos de nossa alma, banhados por sanguinolentas lagrimas!

Recebe, pois, o meu escripto e com elle um amplexo sincero...

.....
Quão saudosas recordações eu sinto da minha infancia, onde uma flôr era um sorriso, onde um sorriso era um sonhar e onde um sonhar era viver!...

Nesses felizes tempos, tudo era alegria sem divisar-se tristeza; hoje, porém, a saudade, esse sentimento nobre e intimo de nossa alma, do qual sou victima, asse-nhoreou-se de meus sonhos de joven, assim como a sua companheira inseparavel, — a tristeza!...

Não conhecia então as miserias humanas; não sabia o que era o odio, esse mal terrivel, do qual quasi todo o individuo é victima, e que tem sempre funestas consequências; tambem nem me passava pela mente, esse balsamo sacrosanto e puro que se chama, — amor; só sabia pronunciar os nomes santos de meus saudosos Paes.

Eu morava, então, no sitio ameno e lagueiro como a brisa, e amava de todo o intimo as minhas bellas creações. A fazenda era circundada pelas mais frondosas mattas e fecundas inverna-das, que até hoje tenho visto; porém, não era rara a onça traicoeira, que victimava aqui e ali, os descuidados coboclos. — Perto da fazenda, o rio das Velhas corria mansamente e espreguicando-se qual a giboia; eu então contemplava as aguas crystallinas desse rio, que vinham quebrar-se quasi aos meus pés, e não depois cahir em uma imponente cascata que havia proximo do lugar onde eu estava; da mesma fazenda, cuja vista era bella, avistavam-se as mattas gigantescas e sombrias do riquissimo Estado de Goyaz, por onde corria o Paranyhyba, rio dos meus sonhos dourados...

Em uma bellissima manhã, eu hem me lembro, quando o monarca da luz, apontando no horizonte e espargindo os seus dourados raios pelas mais soberbas e magestosas arvores, eu cavalgava para ir, muito contrariado, passar o domingo na cidade. Ia contemplando o lindissimo quadro que a bella natura ostenta em meu torrão natal. — A principio tinha que atravessar immensa matta, onde, pela manhã, trinavam alegremente todas as especies de passaros que a nossa patria possui, distinguindo-se entre todos um bando de *passaros-pretos*, que pare-

ciam saudar a manhã, ainda com mais vehemencia.

A rolinha vôava da estrada para ir mais adiante, gemer saudosamente, pois a-la em um ramo, mostrando-se assim tão triste, como uma cruz que ali se erguia, perto de uma pequena encruzilhada.

Mais ao longe, espreguicava-se um riacho, onde algumas folhas das arvores que sobre elle estavam deitadas, corria ribeira abaixo, tal qual umas canoelhas lutando contra as ondas bravias do oceano. — Na margem desse corrego surgia com toda a magestade uma formosa roça de milhos ainda verdejantes, onde se erguia uma velha arvore isolada, onde cantava um sabiá saudoso. Depois, então, tinha que transpôr um longo chapadão, onde admirei mais que tudo alguns bois de pellos luzidios.

Ao cabo de poucas horas, cheguei á cidade, e todo o tempo que lá passei, estive sempre desgostoso, lembrando-me de minhas creações, que actualmente não possuo.

A' tarde, deixei o rebolico da praça e segui jubiloso o caminho da fazenda. O rei dos astros, despedindo os seus frouxos raios, aproximava-se tristemente das nuvens douradas do occaso. Pelo caminho, ia muito satisfeito e quando cheguei á entrada da matta, só ouvi a jurity suspirando na sua amplidão; e o urutáu, com o seu canto triste e compassado, gemia então, e o meu cavallo, ia approximando da fazenda. A lua já vinha despontando, tão bella, tão linda como a Magdalena ajoelhada aos pés de Christo; pouco a pouco passava na frente do animal um «*curian-go*» com o seu vagoroso vôo. Ah, meu Deus, quanta saudade paira sobre a minha cabeça, daquelles tempos de creança, tempos de eterna primavera e eterno amor. No entanto, os meus dias de infancia passaram, deixando em meu peito o omeute o laivoda saudade; meu Deus, sempre a saudade!...

Agora opprimido pelo aguilhão inevravel da nostalgia, resta-me exclamar como o immortal Larmartine: — *Mon coeur est plein-je veux pleurer.*

S. Paulo.

R. M. SIQUEIRA



Valsando

A' toi mème, mon coeur!

Eu gosto de vêr, menina,
Soltos os teus cabellos;
Tão pretos são, tão bellos,
Como noite sem luar.
N'essa face purpurina
Cahem elles indiscretos,
Talvez por serem pretos
Me querem a mim matar?

Dansando comtigo, bella,
Beijam meu pobre rosto
E eu sinto grande gosto
N'esse suave beijar...
Se mais me chego, donzella,
Sinto louco o coração,
Mais se augmenta esta paixão
E não posso supportar!

Quando te aperto a cintura
Passa-me n'alma um tremor,
Como um suspiro de amor
No teu seio a palpar...
São tão bellos, creatura,
Esses niveos seios teus
Que digo ao vêl-os, meu Deus:
Ah se os pudesse beijar!

Capital, 3 de Maio.

LAUDICO.

Desamparado

Eil-o, triste e pensativo por entre umas espessas mattas. Longe d'essas illusões que, infelizmente, reinam no meio dos Homens. Eram seis horas da tarde! O sol afastava-se para o occaso. Tudo era silencio n'essa região solitaria, que o jover procura para expandir as magoas, que sentia no seu coração. O que estaria fazendo aquelle mancebo? Perderia, por acaso, algum valioso thesouro? Não. O motivo que o obrigava a viver no deserto, retirado dos homens e de sua familia, fóra uma injusta calumnia de que o infeliz tinha sido victima por parte de um amigo, o qual, desde a sua infancia, lhe dedicára a mais sincera amisade.

Era chegado a noite. A lua apparecera no firmamento acompanhada do numeroso cortejo d'estrellas!

O mancebo, cada vez mais pensativo, deitou-se debaixo d'uma frondosa arvore e adormeceu.

Durante o seu agitado somno,

passaram pelo sentido. mil cousas, que serviram para deixal-o mais desbairado. De quando em quando abria a bocca para proferir o nome do seu desleal amigo. Assim passou toda a noite. Ao amanhecer, fôra despertado pelo cantar da passarada, que saudava o dia. Ergueu-se do chão e partio em demanda de algum rancho, que pedesse servir de abrigo. aos seus ultimo dias!

Depois de muito andar encontrou uma miseravel palhoça. N'essa humilde habitação passou algum tempo. Todas as tardes quando se recordava dos seus amados paes e irmãos, cahiam-lhe dos olhos lagrimas snudosas.

Passaram-se dias mezes no fim dos quaes o mancobo tôra atacado por uma impertinente infermidade.

Finalmente, succumbira aos golpes certos da morte o pobre mancebo, para o qual a vida fôra um mar de dissabores, um fôco de desarença!

A. H. FLORES

A Folia

Por entre o denso arvoredado que borda a beira da estrada, vai a alegre folia, tirar esmolos para o divino.

O inhambu, assustado pelo toque dos adufes levanta o vôo da beira da estrada, onde descuidado, arranhava a areia, para o meio da matta.

O tiê que pousado no ramo da figueira, esconde-se dos raios do sol e belisca os arroxeados frutos parece querer enceitar o seu mavioso trinado, ao som que da viola tira, os dedos ageis do folião.

Passado que foi o matto, sahiu a folia em um campo, dende avistou uma casinha, dirigiu-se para lá.

Ao mesmo tempo que ella avisitou a casa, bercebeu-a o cham-cham que, gritando desatou o seu vôo.

Quanto mais perto da casa chegada, mais soava os adufes e pandeirolas.

Mal os da casa avistaram a folia, vieram, esperal-a a porta.

Chegada que foi a folia, o folião entregou a bandeira ao dono da casa e disse-lhe: «O divino vem-lhe visitar.

«Que bem vindo seja; respondeu-lhe o dono.

Todos beijaram a bandeira, puseram-n-a sobre suas cabeças e levaram-n-a a todos os cantos da casa, para que o Divino a protefesse contra todas as desgraças e inimigo pesonhentó.

O folião recebia as esmolos que lhe davam e ao som da viola e dos adufes cantava umas trovas, em que agradecia as esmolos e pedia ao Divino que concedesse longa vida aos seus devotos.

O sol sumia-se no horizonte, cantavam os urús nas capoeiras, nas campinas piavam as perdizes e na matta a jurity, soluçando, chamava pela companheira; quando a folia sahiu em busca de outros devotos do Divino, para pedir-lhes uma esmola.

F. NARDY FILHO.

SEGREDOS D'„O PATRIOTA“

«Dois cada vez».

I

Por ahi andam dizendo
(Eu não sei se é caçoada!)
Que *arranjou* o Nardy Filho
Uma *chic* namorada!...

II

Tambem dizem por ahi
Que o Lagreca tambem tem,
Que faz versos e sonetos
Dedicados a seu bem!...

MARIQUINHA.

Fertilidade

do Solo Brasileiro

Este vasto territorio cujo seio uberrimo, encerra muitos thesouros, ainda não explorados, é sem duvida o mais importante quanto a fertilidade do solo.

Vastissimas campinas que muito se distinguem pela belleza de seus panoramas, contem o interior desta região, onde se cria

com pouco trabalho todas as especies de animaes uteis.

As florestas são não sómente incomparaveis em belleza á todas as mais que contem a superficie do globo, como tambem são abundantes em madeiras de lei, proprias para toda e qualquer construcção.

Os rios que banham as diferentes partes desta região, ainda não estão de todos devidamente explorados; as suas aguas em grande massa, banham as suas margens, modificam não só a temperatura do clima, como as tornam mais ferteis e apropriadas para a cultura de todos os cereaes cultivados no velho mundo.

Emfim, creio, que ninguem ousará duvidar, que, este colosal paiz da America Meridional, virá a ser para o futuro, o mais florescente do mundo!

L. BORGES

Desprezo

A' Ella

Pobre de mim, que fitei com tanta usura a estrella mais brilhante, que Deus creou!

Amei-a, mas muito, desde o primeiro dia que a vi, e amal-a-ei eternamente, porque um amor puro e sincero nem a morte pôde extinguir. Mas esse amor tão intimo foi baldado! Tive em recompensa «o não ser correspondido» o que me collocou mesmo vivo n'um sepulcro onde não existe riso nem flôres. A tristeza, a saudade, a afflicção, emfim tudo, que é desagradavel no mundo, apoderou-se de minha pobre alma! E agora o que resta ao triste nesta vida cheia de soffrimentos e prantos? Chorar? Mas como, si já de meus olhos brotaram rios de lagrimas?

Rir? Mas como si minha alma prendeu-se á saudade, e si em torno de minha cabeça vorteja a tristeza, roçando a minha frente com suas negras azas?

Agora triste, bem triste como a pobre rola, que a sua companheira perdeu, irei findar os meus dias de tantas magôas.

Adeus risos e flôres; adeus campos, que amei; adeus dias felizes, que em minha vida gozei; e vós esperança, doce sonho, que a vida me embalava, voai, ide

para bem longe de mim; no meu peito poisou a saulade, minha alma sentiu-se pungida pelos seus espinhos! Quero viver só, isolado, onde possa em prantos lavar as minhas magoas...

Adeus, amôr e felicidade, adeus, adeus!

E a ventania, gemendo entre o arvoredo, solettra aos meus ouvidos a palavra «desprezo»!

S. Paulo

FRANCISCO VIEIRA.

A flor Saudade

Quando a lua vae placida no céo
Entre nuvens de prata singular,
E quando envolve a terra um negro veô
E brinca n'agua o bello nenuphar,

Eu sinto dentro d'alma a nostalgia
Roçar-me com suas azas mysteriosas;
Abre-me em mim a flor d'uma agonia,
Quando se vão abrindo as brancas rosas.

A imagem, que desperta no meu ser,
Ai, nesse ázo em que a lua vae serena,
E's tu Elisa, oh! flor do meu viver,
Meu sorriso, meu céo, minha phalena.

Nesse momento nos jardins floridos,
Talvez abram se as flores com vaidade,
Mas no canto de meus dias idos
Abre-se a flor e roxa flor saudade.

FRANCISCO LAGRECA

S. Paulo, Abril de 1899

Acta da sessão extraordinária, realisada a 19 de Abril de 1889, no «Gremio Alvares de Azevedo.»

Aos 19 de Abril de 1899, havendo no recinto do Gremio numero legal de socios, foi aberta a sessão pelo sr. Presidente. — Fez-se a leitura da acta anterior que, posta em discussão, foi approvada. — O sr. Presidente pediu a sua exoneração do cargo de Redactor-Chefe d'«O Patriota», o que foi lhe concedido. — Para substituí-lo, o sr. Presidente nomeou o sr. Laudelino Barbosa, que agradeceu a missão que lhe confiou. — O sr. Francisco Lagreca pediu a palavra e expoz que o «Patriota» não devia ter Redactor-Chefe e que achava melhor gozarem os tres redactores das mesmas regalías. — O sr. Americo Paranhos, allegando não concordar com esta proposta — disse que, se o «Patriota» ficasse sem Redactor-Chefe, pedia a sua demissão, a qual lhe foi concedida. — O sr. Laudelino Barbosa, pedindo a palavra, disse que, visto o jornal não necessitar de Redactor-Chefe por ser um organo pequeno, achava melhor que tivesse de então em diante só dois redactores iguaes. — Pedindo a palavra, o sr. Rodolpho M. de Siqueira disse que pedia a sua demissão, uma vez que o «Patriota» contava só dois redactor s e que achava melhor ter mente um só redactor. — O sr. Presi-

dente concordou que o jornal tivesse então um só redactor, sendo esse o sr. Laudelino Barbosa. — Depois de alguns debates, em cuja calma entrou o sr. Valdomiro Magalhães, foi no meado e confirmado pela maioria que o jornal devia ter um unico Redactor. — Foi nomea o pelo sr. Presidente comissão para modificar os estatutos na parte que diz ter o n'sso organo tres redactores, ficando um só. — Foi essa comissão composta dos srs. Rodolpho Siqueira, Francisco Lagreca e Francisco Pereira. — Não havendo mais trabalhos, foi encerrada a sessão.—O l. Secretario

LAUDELINO BARBOSA.

Acta da sessão ordinaria, a 15 de Abril de 1889, no «Gremio Alvares de Azevedo.»

Havendo numero legal de socios o sr. Vice-Presidente declarou oberta a sessão. — Em seguida leu-se a acta da sessão anterior que foi approvada. — O sr. Vice-Presidente deu a palavra ao sr. Affonso Pecteador para dar começo a these, por elle acceita na sessão anterior. — Tendo excusado, allegando não poder preparar-a, foi dada a palavra ao sr. Francisco Lagreca, que desenvolveu a sua. — O l. Secretario sr. Arlindo Rocha, pediu a sua demissão que foi acceita pelos socios, sendo eleito em seguida o sr. Laudelino Barbosa, por 7 votos.

Pela segunda vez, fallou o sr. Francisco Lagreca saudando o novo secretario. — O sr. Vice-Presidente, deu a palavra ao sr. Americo Paranhos, para dar principio a sua allocução escripta sobre o seculo XIX, o qual cumprio dignamente a sua missão. — Não havendo mais nada a tratar, a sessão foi encerrada pelo sr. Vice-Presidente, e eu, o l. Secretario lavrei a presente acta.

O l. Secretario.

Laudelino Barbosa



Concerto

ANNIVERSARIO

No dia 17 de Abril mais uma gotta de matutino orvalho cahiu sobre as pet'las da existencia de d. Maria dos Santos, extremosa esposa do nosso director sr. Luiz Antonio dos Santos.

Foi-lhe offercido um concerto musical, cujos sons melodiosos foram, um por um, depositar um osculo sincero na nova primavera. Muito concorrido esteve o concerto, terminando ás 11 horas da noite. Inspirado pela voz doce e serena de d. Ida Stott, um dos nossos poetas, Francisco Lagreca, recitou-lhe uma poesia, rimas que lhe fugiram da alma.

Houve durante o concerto felicitações e nós, d'aqui enviamos á Exma. sra. d. Maria dos Santos os nossos sinceros e respeitosos cumprimentos, desejando-lhe meios para colher ainda muitas flores no jardim da sua existencia.



Visitou-nos no dia 29 o talentoso estudante, nosso amigo Eduardo Panadés.

— Recebemos muito tarde um escripto de d. Julieta, não podendo portanto ser publicado n'este numero.

— Brevemente sairá ao lume um livro de poesias, intitulado «Suspiros». Suspiros é o primeiro livro que publica L. Barbosa.

— Em uma carta, vinda pelo correio, pede lugar para uma secção a senhorita M. G. Gomes — «Pois não; já sae hoje alguma cousa que mandou.

— Agradecemos aos collegas as permutas.



Declaração

Tendo nos retirado da redacção do «Patriota», — vimos agradecer a todos aquelles que nos auxiliaram nesta laboriosa vida da imprensa, portanto a todos que interessaram-se por esta folha, somos verdadeiramente reconhecidos e aos mesmos offerecemos os nossos fracos serviços. —

Aos collegas, de redacção dissemos, um adeus, e pedimos-lhes para que não exmoreçam nessa afanosa lide, mas que vão sempre avante, afim de que possam colher os louros que lhes estão destinados. —

Deixamos a redacção desta folha, é verdade, mas com isto não queremos dizer que abandonamo-la, não, mil vezes não, porque estejam certos os nossos ex-companheiros de trabalho, que se por ventura, alguém tentar desvirtuar esse sacratio, onde a mocidade vem depositar as flores de sua alma, elles nos terão sempre ao seu lado, promptos a cumprir a sua divisa — tudo pela mocidade; tudo pela patria. —

